

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM CUMPRIMENTO DE CONDICIONANTE NA COMUNIDADE QUILOMBOLA PATIOBA, ATUAÇÃO DA GESTÃO AMBIENTAL

Josiene Ferreira dos Santos Lima*, Daniela Satie Maekawa Costa , Hudson Jorge de Souza Santos, Maxmuller de Andrade Moura, Welberton Silva Dantas

* Gestão Ambiental BR-101 NE PE/AL/SE/BA, josiene.skill@gmail.

RESUMO

A educação tem sido apontada como um dos componentes fundamentais de enfrentamento da crise socioambiental. Trabalhar educação ambiental em comunidades tradicionais é vivenciar povos que se mantiveram relativamente isolados em ambientes ainda conservados. Nesse contexto, a Gestão Ambiental das obras de duplicação da BR-101/NE desenvolve a Educação Ambiental na Comunidade Quilombola Patioba 1 e 2, localizada no município de Japarutuba/SE e certificada pela Fundação Cultural Palmares em 12/05/2006, de forma que a educação ambiental seja voltada à sustentabilidade, despertando o diálogo em repensar as próprias ideias e práticas educativas aplicadas. A metodologia utilizada possui caráter qualitativo descritiva. O modelo de Educação Ambiental aplicado à Comunidade Quilombola Patioba consiste em satisfazer as necessidades presentes do coletivo, sem pôr em risco as perspectivas futuras, refletindo sobre questões relevantes do dia a dia local. Assim, verifica-se que o trabalho de educação ambiental desenvolvido na Comunidade tende a cumprir a execução adequada no processo de implantação do empreendimento.

PALAVRAS-CHAVE: Remanescente Quilombola, Condicionante, Educação Ambiental.

INTRODUÇÃO

Trabalhar educação ambiental em comunidades tradicionais é vivenciar povos que se mantiveram relativamente isolados em ambientes ainda conservados.

Entende-se por populações tradicionais, grupos humanos culturalmente diferenciados, vivendo pelo menos três gerações em um mesmo território/ecossistema, historicamente reproduzido seu modo de vida, em estreita relação de dependência com o meio natural, para sua subsistência através do uso dos recursos naturais locais de forma sustentável (BENSUNSAN, 2006).

O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) define como comunidades quilombolas os grupos étnicos – predominantemente constituído pela população negra rural ou urbana –, que se autodefinem a partir das relações com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias. Estima-se que em todo o País existam mais de três mil comunidades quilombolas.

A composição cultural de um povo é marcada por uma série de fatos ligados a cultura e um determinado espaço. O espaço é fundamental para na constituição de identidades coletivas e individuais, visto que o saber tradicional está condicionado à determinada região e as práticas do cotidiano são vistas como formas de manutenção da vida como pescar, caçar, preparar alimentos e medicamentos a partir de raízes. Estes conhecimentos são visto como conhecimentos tradicionais e são frutos de uma educação informal transmitida tradicionalmente para os mais jovens.

Para Oliveira (2005), as comunidades tradicionais têm se preocupado em transmitir seus conhecimentos a seus descendentes, num processo de educação que permeia as formas de pensar, de agir, falar, correlacionar com sigo e com o outro, adquirindo características únicas da cultura em relação ao meio ambiente.

Assim, desenvolver a educação ambiental com comunidades tradicionais demanda orientar como uma identidade ambiental, multidisciplinar, em que o meio ambiente não seja entendido apenas como um sinônimo de natureza, mas como um conjunto de interações entre o meio físico-biológico com o homem.

A educação ambiental deve ser vista e trabalhada em Comunidades tradicionais para a sustentabilidade socioambiental resgatando o valor ecológico como um processo de transformação do meio que minimize os excessos e potencialize por meio de uma proposta educativa, desde a educação básica e ampliando de forma precisa, mas sem afetar seus costumes e crenças.

Nesse contexto, a Gestão Ambiental das obras de duplicação da BR-101/NE desenvolve a Educação Ambiental na Comunidade Quilombola Patioba 1 e 2 (Figura 1), localizada no município de Japaratuba/SE e certificada pela Fundação Cultural Palmares em 12/05/2006, de forma que a educação ambiental seja voltada à sustentabilidade, despertando o diálogo em repensar as próprias ideias e práticas educativas aplicadas.

As atividades de educação ambiental cumprem condicionante da Licença Ambiental expedida pelo Ibama para realização do empreendimento e faz parte das medidas mitigadoras por ele definidas.



Figura 1 – Acesso à Patioba 1, área oposta ao acesso da Patioba 2, Japaratuba/SE.

Objetivo

Aplicar atividades de educação ambiental na comunidade quilombola em cumprimento de condicionante ambiental com a perspectiva de desenvolver a sensibilidade ambiental.

Metodologia

A pesquisa possui caráter qualitativo descritiva. Será dividida da seguinte forma:

- 1-Pesquisa Bibliográfica e Documental:

Bibliográfica – restringe a todo material publicado referente ao tema.

Documental – refere-se a documentos institucionais e estatísticos no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), como dados populacionais, educacionais, no Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), Fundação Cultural Palmares (FCP) entre outros da região em estudo.

- 2- Pesquisa de Campo

Localização, Identificação e Diagnóstico da Comunidade Quilombola

Análise de Impactos Ambientais da Comunidade Quilombola Patioba com as obras de duplicação da BR-101/NE.

Aplicação da Educação Ambiental

Resultados Obtidos

Os resultados estão dispostos na Tabela 1 a Erro! Fonte de referência não encontrada..

Tabela 1 - Diagnóstico realizado na Comunidade Patioba/SE, pela Gestão Ambiental.

Comunidade	Município	Localização	Certificação	População
Patioba	Japarutuba/SE	X 720159 Y 8826051	12/05/2006	143 famílias (FCP)
Distância da br-101/NE/ comunidade		Descrição do entorno		Descrição de acesso
<1 Km		Cenário caracterizado principalmente por fazendas, canaviais e fragmentos de mata.		Apresenta dois acessos para a Patioba 1 e um acesso à Patioba 2.
Descrição Geral da Comunidade				
<p>Nome/História da Comunidade: O nome advém de planta denominada de Taioba.</p> <p>População: Possuía cerca de 143 famílias na data de sua certificação, segundo dados da FCP, segundo os líderes atualmente existem 160 famílias (50 casas).</p> <p>Religião: As religiões Evangélicas e Católicas são predominantes.</p> <p>Manifestações Culturais: Samba de Roda, confecção de bonecas, crochê, renda, ponto de cruz, doceiras, terreiros de Candomblé e o grupo cultural Quilombola denominado Guerreira Negras.</p> <p>Educação: Possui Escola Básica da rede de ensino publica na comunidade.</p> <p>Saúde: Possui Unidade de Saúde Básica na comunidade.</p> <p>Sistema agrícola: plantações de mandioca, feijão, milho entre outros. Outra fonte de renda é o “Ceasinha”, onde moradoras vendem frutas, tubérculos, cocadas, doces e geleias.</p> <p>Infraestrutura/Saneamento: Apresenta ruas pavimentadas, abastecimento de água encanada e energia elétrica.</p> <p>Associação: Possui uma associação comunitária, Associação quilombola do Pau Patioba.</p> <p>Adversidades: A população reclama da falta de emprego e falta de terra.</p>				

Tabela 2 – Resultado das entrevistas/Comunidade Quilombola Patioba/SE

Influência das Obras Segundo Moradores e Líderes
<ul style="list-style-type: none"> • A comunidade tem conhecimento sobre o processo de duplicação, pois alguns moradores usam a rodovia esporadicamente. Porém, estes não sabiam informar maiores detalhes sobre o empreendimento. • A comunidade se mostrou favorável à duplicação. Porém, demonstraram preocupação quanto à execução da Passagem Inferior ligando Patioba 1 e Patioba 2, além da situação da possível desmobilização das barraquinhas conhecidas como “Ceasinha”, onde moradoras da comunidade vendem seus produtos e doces caseiros. • Foi relatado que houve aumento no tráfego de veículos nas proximidades da comunidade. <p>Como a comunidade é cortada pela rodovia, a duplicação da pista acrescerá a distância entre a Patioba 1 e 2. O ponto de venda de produtos artesanais “Ceasinha” deverá ser desmobilizado, visto que está às margens da BR.</p>
Análise da Gestão Ambiental
<p>A comunidade é afetada pelas obras de duplicação, uma vez, que a rodovia divide parte do território. A população é instruída quanto à influência de duplicação da BR-101NE à comunidade. Contudo, as obras de duplicação são aceitas pelos líderes e moradores da comunidade. A comunidade exige a inclusão de uma passagem inferior (PI) para garantir uma travessia segura entre Patioba 1 e Patioba 2. A maior parte da população pertence a Patioba 1.</p>

Impactos Positivos
Os principais benefícios gerados à comunidade, segundo os próprios líderes comunitários são: Diminuição do número de acidentes; Diminuição do tempo gasto em deslocamento aos centros urbanos; Promoção da expansão econômica local; Redução do custo do transporte por meio da economia de energia, de tempo de viagem e de equipamentos. Possibilidade de desenvolvimento local com melhoria de acesso e deslocamentos rápidos; Criar novas oportunidades de negócios.
Impactos Negativos
Os impactos negativos observados estão restritos ao período de execução da obra: Alteração dos níveis de ruídos e vibrações, alteração na qualidade do ar devido a presença de maquinários, alterações no fluxo de pedestres, risco de acidentes causado pelo tráfego de maquinários, aumento do risco de gravidez na adolescência e doenças sexualmente transmissíveis, devido a proximidade da comunidade com os trabalhadores contratados pelos Consórcios Construtores para execução da obra e expectativa sobre geração local de empregos.

Tabela 3 – Medidas mitigadoras e/ou compensatórias implantadas pela Gestão Ambiental

Medidas de Mitigação
Adimplação mensal durante a instalação do empreendimento, das ações de Programa de Monitoramento de Ruídos.
Efetivação mensal durante a instalação do empreendimento, das ações do Programa de Monitoramento e Controle da Qualidade do Ar.
Aplicação da Educação Ambiental através de palestras, oficinas e mini cursos com temas atuais e que visem a sustentabilidade da Comunidade (Ervas Medicinal, Reaproveitamento do Óleo de Cozinha, Consumo Sustentável).
Elaboração e distribuição de cartilhas educativas: “Segurança no Trânsito”, Prevenção às Queimadas, “Doenças Sexualmente Transmissíveis”, Conservação da Água, Resíduos Sólidos.
Instalação de Passagem Inferior

APLICAÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A aplicação da Educação Ambiental é desenvolvida pela Gestão Ambiental e conta com a participação ativa da Comunidade Quilombola Patioba. Ao todo foram ministradas 6 (seis) palestras com os temas abordados na **Erro! Fonte de referência não encontrada.**, duas oficinas: Ervas Medicinal e Reaproveitamento do Óleo de Cozinha. A Educação Ambiental é desenvolvida ainda no incentivo e permanência da cultura afro na Comunidade, bem como seus costumes, crenças e danças, assim a Gestão Ambiental participa ativamente das apresentações dos grupos de dança local em eventos diversos na região (Figura 2 e Figura 3).



Figura 2 – Distribuição da Cartilha, Comunidade Quilombola Patioba, Japaratuba/SE.



Figura 3 – Grupo Guerreiras Negra, Evento cultural, Comunidade Quilombola Patioba, Japaratuba/SE.



Figura 4 – Acesso e identificação da Comunidade Quilombola Patioba, Japaratuba/SE.



Figura 5 – Comunidade Quilombola em Oficina de Reaproveitamento do óleo de Cozinha, Japaratuba/SE.

A música retrata a força e a garra de um povo que luta para que as tradições mantenham-se vivas, que repudia a discriminação da cor:

*Vimos de lá bem de longe, de longe viemos queremos dizer que somos de uma
raça sofrida que foi oprimida por causa da cor, cor causa vergonha por muitas
pessoas que não assumem um negro no meio do branco e do negro querendo
descobrir sua cor.*

Vimos, viemos, viemos de longe sim,

E somos, somos os quilombolas sim (Bis).

Música: Somos do Quilombo Sim – Maria Normélia Melo.

CONCLUSÃO

O modelo de Educação Ambiental aplicado à Comunidade Quilombola Patioba consiste em satisfazer as necessidades presentes do coletivo, sem pôr em risco as perspectivas futuras, refletindo sobre questões relevantes do dia a dia local. A educação ambiental realizada na localidade em cumprimento a condicionante ambiental perpassa a necessidade atual da população, contudo sua continuidade depende da pertinência das

respostas obtidas pelos desafios que surgem na Comunidade em conseguir desenvolver a sustentabilidade e poder garantir a sobrevivência e melhoria da qualidade de vida.

Este trabalho de educação ambiental se consolidou como uma oportunidade de aplicação de uma metodologia participativa, em que a construção dos resultados é estruturada “com” e não “para” a comunidade, culminando na elevação do nível de percepção ambiental, na valorização dos saberes tradicionais locais e no fortalecimento comunitário e do sentimento de pertencimento local.

Assim, verifica-se que o trabalho de educação ambiental desenvolvido na Comunidade tende a cumprir a execução adequada no processo de implantação do empreendimento. Um trabalho que compreende a verificação da ação sobre o objeto, suas consequências e resultados, bem como a identificação e a formulação de medidas corretivas e compensatórias dos impactos negativos identificados pela Gestão Ambiental e EIA do empreendimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BRASIL, Relatório de Impacto Ambiental das Obras de Adequação da BR- 101 AL/SE/BA. Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT). Jan 2006.
2. BENSUNSAN, N. Conservação da biodiversidade em áreas protegidas. São Paulo: Editora FGV, 2006.
3. NEHME, V.G. BERNARDES, M.B. Projetos e Metodologias para a Formação de Sujeitos Ecológicos. In.GIOVANNI, Seabra (Organizador). Educação Ambiental no Mundo Globalizado. Editora Universitária/UFPB. João Pessoa, 2011.
4. OLIVEIRA SILVA, R. A. Base para a Educação Ambiental em espaços não escolarizados. Um estudo com as comunidades de Retireiros do Araguaia.-Lucaira –MT. Dissertação de Mestrado. Programa Integrado Pós Graduação em Educação UFMT/IE: Cuiabá, 2005.
5. SILVA, E.V. Biosociodiversidade e Sustentabilidade dos Povos da Floresta. In.GIOVANNI, Seabra (Organizador). Educação Ambiental no Mundo Globalizado. Editora Universitária/UFPB. João Pessoa, 2011.